

O Catecismo de Heidelberg: Sua História e Influência

*Alderí Mattos**

Uma das principais características da Reforma Protestante do século XVI foi a produção de um grande número de declarações doutrinárias na forma de confissões e catecismos. Estas declarações resultaram tanto de necessidades teológicas quanto pastorais, à medida em que os novos grupos definiam a sua identidade em um complexo ambiente religioso, cultural, social e político. Mark Noll observa que esse fenômeno é típico da Reforma, uma vez que o termo "confissão", em seu sentido mais comum, designa as declarações formais da fé cristã escritas especialmente por protestantes, desde o início do seu movimento.(1)

Embora tais documentos normalmente sejam classificados como confissões e catecismos, é importante recordar que os catecismos são também confissões de fé. A distinção é formal, já que os catecismos são simplesmente "declarações de fé escritas na forma de perguntas e respostas que na época da Reforma freqüentemente serviram aos mesmos propósitos que as confissões formais." (2)

O ramo reformado do protestantismo foi pródigo na produção de tais documentos, particularmente no período decorrido entre o primeiro catecismo de João Calvino, Instrução na Fé (1537), e os catecismos de Westminster (1648). Uma das mais extraordinárias declarações de fé escritas naquele período foi o famoso Catecismo de Heidelberg, também conhecido como o Heidelberger o mais importante documento confessional da Igreja Reformada Alemã.

O objetivo do presente artigo é refletir sobre a singularidade desse documento, tanto no que diz respeito às circunstâncias históricas que conduziram à sua preparação, quanto no que se refere à natureza excepcional do seu conteúdo e da sua contribuição à igreja. Conforme destaca Karl Barth, o Catecismo de Heidelberg resultou das necessidades imediatas da vida de uma igreja em particular.(3) Ao final, todavia, ele se tornou a mais ecumênica das confissões de fé protestantes. Esse estudo irá abordar os antecedentes históricos do catecismo, os dois homens mais intimamente associados com a sua preparação, suas principais características e sua influência duradoura.

Antecedentes históricos

Foi especialmente na década de 1560 que o protestantismo reformado penetrou na Renânia.(4) Enquanto o luteranismo debatia-se com divisões internas, a tradição reformada suíça fez avanços em estados anteriormente luteranos. Os líderes do movimento eram alemães que haviam sido inspirados por Zurique e Genebra, mas que estabeleceram os seus próprios padrões. Para alguns, este era o próximo passo a partir do Filipismo (luteranismo moderado) em direção a uma ampla reestruturação do culto e da disciplina. Este movimento algumas vezes tem sido denominado "a segunda reforma".(5)

Nas cidades-estado do Baixo Reno, o movimento teve início através de pressões congregacionais. Ainda na década de 1540, refugiados holandeses começaram a chegar ao Baixo Reno e esse influxo de imigrantes tornar-se-ia gigantesco após a repressão

promovida pelo Duque de Alba em 1567. Em outras áreas, as mudanças religiosas foram promovidas pelos governantes.

A reforma em Estrasburgo, sob a liderança de Bucer (morto em 1551), já havia manifestado algumas características reformadas. Calvino havia trabalhado ali (1538-41) e era conhecido de muitos naquela região. Na década de 1550 Estrasburgo tornou-se fortemente luterana e anti-calvinista.

O Palatinado Renano ou Baixo Palatinado foi o primeiro e o mais importante estado a envolver-se com o novo movimento. Lutero havia visitado Heidelberg em 1518; naquela época, Bucer, então um jovem dominicano, abraçara a causa protestante. Heidelberg adotou o luteranismo sob Frederico II em 1545-46. Todavia, durante a maior parte dos vinte anos seguintes, uma série de conflitos manteve a vida da cidade em turbulência.(6)

Sob o eleitor Oto Henrique (1556-59), o Baixo Palatinado adotou um luteranismo moderado que tolerava o zuinglianismo e o calvinismo. No entanto, ao final da década de 1550 houve um grave conflito na Universidade de Heidelberg, no qual extremistas luteranos atacaram aqueles de convicção melanchtoniana e reformada e introduziram formas de culto vistas como idolátricas pelos seus oponentes. A intolerância anti-calvinista desagradou a Oto Henrique e a seu sucessor Frederico III (1559-76).

O eleitor Frederico ficou particularmente incomodado com uma amarga controvérsia a respeito da Ceia do Senhor ocorrida em 1560. Um pastor luterano e um diácono calvinista discutiram violentamente diante dos cidadãos reunidos para uma celebração dominical da Ceia do Senhor. Frederico baniu os dois antagonistas e tentou achar um caminho melhor. Ele era um homem sinceramente religioso e inteligente que havia sido convertido ao luteranismo através da sua esposa. Ele familiarizou-se com os pontos controvertidos de culto e doutrina. Seu desprazer em relação a cerimônias elaboradas fizeram-no inclinar-se em direção ao calvinismo. Era cada vez mais difícil manter o luteranismo liberal do seu predecessor, agora que Melanchton estava morto (abril de 1560).

Depois de um debate de cinco dias realizado em Heidelberg (junho de 1560), no qual as doutrinas calvinistas foram apresentadas de maneira convincente, Frederico começou a tomar providências no sentido de adotar o calvinismo. Em agosto, os religiosos que não quiseram aceitar a confissão Augustana Variata (1541) tiveram de retirar-se.

Em janeiro de 1561, uma conferência de príncipes realizada em Naumburg separou luteranos e calvinistas de modo ainda mais dramático, e o eleitor passou a promover o calvinismo nos seus domínios. Na realidade, tratava-se de um calvinismo marcado por um espírito melanchtoniano.(7)

Frederico precisava de teólogos que pudessem trabalhar juntos. Ele encontrou uma dupla notável em Zacarias Ursino e Gaspar Oleviano, talentosos teólogos de orientação suíça, ambos com menos de 30 anos. Ursino foi nomeado professor de teologia ele havia iniciado a sua educação teológica com Melanchton, mas também estudara pessoalmente com Calvino. Oleviano era um protestante reformado francês que também havia estudado com Calvino e apreciava os escritos de Melanchton. Ele tornou-se o pastor da principal igreja de Heidelberg.

Noll comenta que "juntos eles formaram uma equipe de rara compatibilidade (...) Ambos estavam ansiosos para trabalhar juntos a fim de apresentar uma frente protestante comum. E ambos tinham o dom de discernimento pastoral."(8) Seus nomes ficariam

permanentemente associados ao produto mais influente do movimento reformado alemão o Catecismo de Heidelberg, publicado a 19 de janeiro de 1563.

Os Contribuidores

Zacarias Ursino

Zacarias Ursino (1534-1583) nasceu na cidade silésia de Breslau (hoje na Polônia). Seu pai era um homem de recursos modestos, mas Zacarias teve uma excelente educação preparatória graças às suas conexões e ao apoio de um benfeitor Dr. João Crato, o médico da família.

Na sua juventude, Ursino foi grandemente influenciado pelo seu pastor, Miobano, um luterano com tendências calvinistas. Ursino passou quase sete anos em Wittenberg (1550-57) sob a orientação de Filipe Melancton, ao qual se apegara fortemente. Ali ele estudou lógica, dialética e teologia.

Quando Melancton foi para a conferência de Worms (1557), levou Ursino consigo. Ao terminar a conferência, Ursino passou dez dias em Heidelberg com o eleitor Oto Henrique. Em 1557-58 ele foi para a Suíça e a França numa viagem de estudos, e visitou todas as figuras conhecidas que pode, inclusive Calvino. Logo após regressar para Wittenberg foi chamado para ensinar em sua cidade natal, mas teve de partir em abril de 1560 durante uma controvérsia a respeito da Ceia do Senhor. Ele então foi para Zurique, onde Pedro Mártir o conduziu a um calvinismo explícito.

"Com 27 anos, Ursino era um estudioso altamente preparado, apreciador dos clássicos e da poesia, e familiarizado com todo o campo da teologia."(9) Ele foi para Heidelberg em setembro de 1561. Com a reação luterana que se seguiu à morte de Frederico III, ele mudou-se para Neustadt, onde passou os últimos cinco anos da sua vida, ensinando na escola fundada por João Casimir.

À semelhança de Calvino, Ursino era um estudioso retraído que tinha a modesta ambição de levar uma vida tranqüila; porém, a sua posição em Heidelberg tornou isto impossível.(10) O conselho afixado à sua porta em Neustadt é bastante revelador da sua personalidade: "Meu amigo, seja você quem for, torne a sua visita breve, vá embora, ou ajude-me no meu trabalho."(11)

Ursino sempre afirmou que pertencia à igreja evangélica. Derk Visser observa que "ele não pode ser categorizado como pertencente a nenhuma escola ou movimento que não seja a igreja evangélica."(12) Ele esteve sempre ansioso por encontrar fórmulas conciliatórias e lutou sinceramente pela paz teológica.

Zacarias Ursino escreveu ou editou algumas das obras mais fundamentais da Igreja Reformada Alemã. A exposição mais sistemática da sua teologia pode ser encontrada no seu comentário sobre o Catecismo de Heidelberg. Peter A. Lillback argumenta que outra importante contribuição feita por ele à teologia reformada foi "a primeira apresentação claramente articulada do pacto das obras, que Ursino denominou como o 'pacto da criação' ou o 'pacto da natureza'."(13)

Gaspar Oleviano

Kaspar von Olevig (1536-1587) nasceu em Treves, na fronteira de Luxemburgo. Seu pai era o chefe da associação de padeiros da cidade. O jovem Oleviano frequentou escolas católicas; aos quatorze anos foi para Paris e mais tarde, à semelhança de Calvino, estudou direito em Orleans e Bourges (1550-57). Quando estava em Bourges, conheceu o futuro eleitor ao tentar, em vão, salvar o filho de Frederico quando o mesmo se afogava. Durante aqueles anos ele foi influenciado por estudantes huguenotes e tornou-se um calvinista.(14)

Após a sua formatura, Oleviano estudou com vários líderes protestantes na Suíça (Pedro Mártir, Beza e Calvino) e foi incentivado a voltar para Treves. Não havia nenhuma igreja protestante na cidade. Oleviano ensinou por um ano e meio na academia local e em agosto de 1560 pregou um sermão eletrizante no qual atacou a missa, o culto dos santos, procissões e outras práticas católicas. Ele suplicou ao povo que observasse os ensinamentos das Escrituras. Dois meses depois foi preso juntamente com o prefeito e outras pessoas que o apoiaram.

Frederico imediatamente enviou embaixadores a Treves e obteve a sua soltura. Oleviano foi para Heidelberg no dia 22 de dezembro de 1560 e tornou-se pastor da Igreja de S. Pedro, bem como professor na escola de teologia. McNeill comenta: "Ele era dois anos mais moço que Ursino, mais eloqüente e menos erudito."(15)

A Produção do Heidelberg

Ursino e Oleviano trabalharam no Colégio da Sabedoria, a escola de teologia criada por Frederico. Oleviano atuou principalmente como pregador e Ursino como professor.

Frederico III queria um catecismo conciliador que pudesse combinar o melhor da sabedoria luterana e reformada, e que servisse para instruir as pessoas comuns nos elementos básicos da fé cristã.(16) Anteriormente ele havia buscado o conselho de Melancton, que recomendou um acordo baseado na simplicidade bíblica, moderação e paz, e advertiu contra sutilezas escolásticas.

A exata autoria do Catecismo de Heidelberg é uma questão controversa. Joseph H. Hall declara que Ursino tornou-se a sua principal "fonte" juntamente com Oleviano, mas "a verdadeira autoria do Catecismo de Heidelberg permanece inconclusiva."(17) Barth vai além e diz que "o catecismo não é obra de um autor; é obra de uma comunidade."(18) No entanto, ele admite que os dois teólogos tiveram uma participação decisiva no projeto.

Com respeito a Oleviano, Lyle Bierma observa que a historiografia dos últimos 350 anos o havia ligado a pelo menos duas fases da obra: a redação dos esboços iniciais e a redação final da primeira edição alemã.(19) Ele mesmo acredita que o papel de Oleviano foi o de um redator intermediário ele teria preparado um esboço do texto alemão baseado em grande parte na Catechesis Minor de Ursino (1562), que então apresentou o referido esboço a um grupo maior de teólogos e pastores para a elaboração final.(20)

O catecismo foi publicado inicialmente sob o título Catecismo ou Instrução Cristã como tem sido transmitida nas Igrejas e Escolas do Palatinado Eleitoral.(21) Questões controversas quanto à Ceia do Senhor foram evitadas e o conceito calvinista da predestinação foi apresentado de uma forma mais moderada.

Uma edição latina publicada em 1563 foi usada como base para várias traduções para o

inglês. O Catecismo Palatino, como veio a ser chamado, teve ampla aceitação na Escócia. A sua aprovação pelo Sínodo de Dort (1618) aumentou grandemente a sua autoridade.

A Recepção do Heidelberg

O catecismo rapidamente obteve aceitação formal em praticamente todas as igrejas calvinistas. "Ele tornou-se imediatamente popular naquelas partes da Alemanha que se inclinavam na direção reformada e até mesmo alcançou algum sucesso em áreas luteranas, durante as duas décadas seguintes..."(22)

Frederico resistiu a todas as pressões de outros príncipes e do imperador Maximiliano no sentido de repudiar o catecismo. Em maio de 1566 ele foi convocado a explicar-se diante da dieta imperial reunida em Augsburg, sob a acusação de ser um violador do Tratado de Augsburg (1555). Em virtude de sua defesa eloqüente e convincente, nenhuma ação punitiva foi tomada e ele passou a organizar mais plenamente a igreja palatina, a fim de dar-lhe segurança e estabilidade.

O próximo eleitor, Luís VII (1576-83), filho de Frederico, agiu visando abolir a Igreja Reformada e restaurar o luteranismo estrito. Cerca de 600 pastores e professores foram expulsos, entre os quais Oleviano, que foi para Nassau-Dillenburg, e Ursino, que refugiou-se na corte do eleitor João Casimir. Casimir sucedeu a seu irmão e restaurou o calvinismo. Mais tarde, Frederico IV (1592-1610) continuaria a favorecer a Igreja Reformada e a fortalecer a sua organização.(23)

A importância do Catecismo de Heidelberg como um guia para a vida cristã é evidenciada pelas suas muitas edições e traduções. Somente durante as últimas décadas do século XVI, 43 edições e traduções vieram à luz. Ao todo, mais de 200 versões já foram identificadas.(24)

O Heidelberg teria uma influência ainda maior na Holanda. Por volta de 1586 os ministros da igreja protestante holandesa precisavam subscrevê-lo como expressão de sua fé, e ele tornou-se a base da "pregação catequética" semanal tanto na Holanda quanto na Alemanha.

Principais características

O Catecismo de Heidelberg tem sido destacado como a mais bela das confissões de fé produzidas pela Reforma Protestante, e a mais generosa e pessoal dentre as exposições do Calvinismo.

Trata-se de uma confissão constituída de 129 perguntas e respostas, tendo a sua seqüência baseada na Epístola aos Romanos. As duas primeiras perguntas são introdutórias. A primeira pergunta, "uma jóia de confissão existencial", (25) estabelece o teor do documento, e a segunda pergunta esboça o que vem a seguir: "meu pecado e miséria", "como eu sou redimido" e "como devo ser grato."

O documento tem três divisões principais: a Primeira Parte - Nosso Pecado e Culpa: A Lei de Deus (perguntas 3 a 11), é uma confissão da pecaminosidade humana e do desprazer de Deus. A Segunda Parte - Nossa Redenção e Liberdade: A Graça de Deus em Jesus Cristo (perguntas 12 a 85), revela o plano de redenção e inclui uma exposição do Credo dos Apóstolos. A Terceira Parte - Nossa Gratidão e Obediência: Nova Vida através do

Espírito Santo (perguntas 86 a 129), apresenta a gratidão obediente como o fundamento das boas obras e inclui uma exposição dos Dez Mandamentos e da Oração Dominical. Esta seção vê a vida cristã como a resposta de gratidão do crente às bênçãos de Deus. O catecismo constitui-se em um "pequeno clássico da vida devocional."(26)

Os estudiosos têm destacado algumas outras características que tornam este documento especialmente notável:

(a) O uso do pronome da primeira pessoa, muitas vezes no singular, "confere ao seu testemunho evangélico um tom caloroso e pessoal."(27) Bons exemplos disto são a pergunta nº 1: "Qual é o teu único consolo, na vida e na morte?" Resposta: "Que eu pertenço corpo e alma, na vida e na morte não a mim mesmo, mas ao meu fiel Salvador, Jesus Cristo..."; e a definição de fé encontrada na resposta à pergunta nº 21: "É não somente um conhecimento seguro pelo qual eu aceito como verdadeiro tudo o que Deus nos revelou em sua Palavra, mas também uma confiança plena de que o Espírito Santo cria em mim através do evangelho..."

(b) É a mais ecumênica dentre as confissões da Reforma, reunindo três correntes do pensamento reformado. Ademais, está isenta de definições dogmáticas e é notavelmente não-sectária.(28) A pergunta 80, sobre a diferença entre a Ceia do Senhor e a Missa, foi inserida pelo eleitor Frederico após a primeira impressão.

(c) Possui um caráter inteiramente bíblico; toda a sua estrutura é moldada pela perspectiva bíblica. O catecismo deixa a Bíblia falar e não procura substituí-la.

(d) Em sua posição teológica, o catecismo é cristão, evangélico e reformado, estando plenamente radicado na tradição dos apóstolos e dos concílios ecumênicos da igreja antiga.(29)

(e) O catecismo é um manual de religião prática. Em lugar de levantar problemas especulativos, a fé cristã é apresentada de maneira prática, acentuando-se a sua importância para a vida diária. Foi concebido para ser ao mesmo tempo um guia para a instrução religiosa das crianças e jovens e uma confissão para toda a igreja.(30)

Bela Vassady comenta que o Catecismo de Heidelberg tem cumprido um quádruplo propósito: catequético, teológico, litúrgico e querigmático. "Ele combina de modo feliz a ênfase à necessidade humana de salvação com um testemunho ainda mais forte do triunfo da graça e glória de Deus em Sua contínua obra de redenção."(31)

Outros temas importantes são a sua ênfase na bondade e providência de Deus, sua forte preocupação soteriológica e sua insistência numa "interioridade que não se torna em mera subjetividade."(32) Joseph Hall comenta que "o Catecismo de Heidelberg presta-se a uma pedagogia holística. Ele contém perguntas cognitivas com respostas devocionais."(33) Isto pode ser visto nas perguntas e respostas sobre a Oração Dominical (119-129).

Finalmente, como muitas outras declarações de fé reformadas, o ensino sobre os Dez Mandamentos vem após uma exposição do Credo dos Apóstolos (nas declarações de Lutero é o contrário). Estas posições não são antitéticas, mas apontam para ênfases diferentes: a Lei como parte do alegre serviço do crente a Cristo (ênfase reformada) e

como a força que impele o pecador a Ele (ênfase luterana).

Influência duradoura

Por mais de quatrocentos anos o Catecismo de Heidelberg tem sido uma fonte de conforto, encorajamento e alimento espiritual para muitas gerações de cristãos em vários continentes. Ele não só tem proporcionado inspiração a homens e mulheres que enfrentam pressões externas e lutas interiores, mas também tem sido um poderoso incentivo ao diálogo e à aceitação mútua entre diferentes grupos e tradições cristãs. Isto se tornou possível, por um lado, graças às circunstâncias peculiares que contribuíram para a sua composição e, por outro lado, devido à maneira feliz com que seus autores expressaram as antigas verdades de um modo que se tornou relevante e significativo para os seus contemporâneos naqueles dias turbulentos.

Espera-se que as igrejas reformadas deste final do século XX possam conhecer e utilizar melhor mais este valioso elemento de nossa herança evangélica.

NOTAS

* O autor é ministro presbiteriano, atualmente concluindo seu doutorado em História da Igreja na Universidade de Boston, Estados Unidos.

1. M. Noll, *Confessions and Catechisms of the Reformation* (Grand Rapids: Baker, 1991) 13.
2. *Ibid.*, 14.
3. *Learning Jesus Christ through the Heidelberg Catechism* (Grand Rapids: Eerdmans, 1964) 22.
4. John T. McNeill, *The History and Character of Calvinism* (New York: Oxford University Press, 1954) 268. (Nota do Editor: A Renânia é aquela parte da Alemanha que fica a oeste do rio Reno, encompassando diversas regiões, como o Vale Superior do Reno, o Palatinado, etc. As principais cidades desta área são Bonn, Colonia e Aachen).
5. Euan Cameron, *The European Reformation* (Oxford: Clarendon House, 1991) 369.
6. Noll, *Confessions and Catechisms*, 133.
7. McNeill, *History and Character of Calvinism*, 269.
8. Noll, *Confessions and Catechisms*, 134.
9. McNeill, *History and Character of Calvinism*, 270.
10. Christopher J. Burchill, "On the Consolation of a Christian Scholar: Zacharias Ursinus (1534-83) and the Reformation in Heidelberg," em *Journal of Ecclesiastical History* 37/4

(1985) 565-83, 583.

11. *Ibid.*, 577.

12. D. Visser, "Zacharias Ursinus: 1534-1583," em *Shapers of Religious Traditions in Germany, Switzerland, and Poland: 1560-1600*, ed. Jill Raitt (New Haven: Yale University Press, 1981) 128.

13. Peter A. Lillback, "Ursinus' Development of the Covenant of Creation: A Debt to Melancthon or Calvin?," em *Westminster Theological Journal* 43 (1980-81) 247.

14. McNeill, *History and Character of Calvinism*, 270; Edward J. Masselink, *The Heidelberg Story* (Grand Rapids: Baker, 1964) 64.

15. McNeill, *History and Character of Calvinism*, 270.

16. Noll, *Confessions and Catechisms*, 134.

17. Joseph H. Hall, "Reformed Catechetics," em *Concordia Journal* 5/6 (November) 205-207.

18. Barth, *Learning Jesus Christ*, 23.

19. Lyle Bierma, "Olevianus and the Authorship of the Heidelberg Catechism: Another Look," em *Sixteenth Century Journal* 13/4 (1982) 17-27, 17.

20. *Ibid.*, 27.

21. Thomas F. Torrance, *The School of Faith: The Catechisms of the Reformed Church* (New York: Harper & Brothers, 1959) 67.

22. Noll, *Confessions and Catechisms*, 134.

23. McNeill, *History and Character of Calvinism*, 274-76.

24. Visser, "Zacharias Ursinus," 135.

25. Allen O. Miller e M. Eugene Osterhaven, trans., *The Heidelberg Catechism* (Philadelphia: United Church, 1962) 6.

26. McNeill, *History and Character of Calvinism*, 271-72.

27. *Ibid.*, 271.

28. James I. McCord, "The Heidelberg Catechism: An Ecumenical Confession," em *Princeton Seminary Bulletin* 56/2 (1988) 12-18, 13-14.

29. Miller e Osterhaven, *Heidelberg Catechism*, 7.

30. McCord, "Heidelberg Catechism," 12.
31. B. Vassady, "Our Only Comfort," em *Theology and Life* 6/1 (1963) 7-16, 10-11.
32. McCord, "Heidelberg Catechism," 15.
33. "Hall, "Reformed Catechetics," 207.